

INFORMATIVO SÃO VICENTE

Boletim de circulação interna da Província Brasileira da Congregação da Missão

Ano XLVI - Nº 291

Maio – Junho de 2012

Rua Cosme Velho, 241

22241-125 Rio de Janeiro - RJ

Telefone: (21) 3235 2900

Fax: (21) 2556 1055

E-mail:

informativosv@yahoo.com.br

pbcm@pbcm.com.br

www.pbcm.com.br

Equipe responsável pelo
Informativo São Vicente

- **Pe. Vinícius Augusto R. Teixeira**
- **Pe. Paulo Eustáquio Venuto**
- **Pe. Gentil José Soares da Silva**

Revisão:

- **Pe. Lauro Palú**

Formatação e Impressão:

- **Cristina Vellaco**
- **Equipe de Mecanografia do
Colégio São Vicente de Paulo**

São Vicente e a Criação

“Há, por acaso, algo que se possa comparar com a beleza de Deus, que é o princípio de toda beleza e perfeição das criaturas? Não é dele que as flores, os pássaros, os astros, a lua e o sol recebem seu brilho e sua beleza?” (SV XIII, 143).

Sumário

| | | |
|-----------------------------------|--|------------|
| Editorial | | 103 |
| Voz da Igreja | | 104 |
| Superior Geral | | 108 |
| Palavra do Visitador | | 112 |
| Vaticano II | <i>Uma referência do tempo.....</i> | 115 |
| | Maria Clara Lucchetti Bingemer | |
| Espiritualidade | <i>Fixar a Estaca da criatividade ministerial.....</i> | 118 |
| | Pe. Eli Chaves dos Santos | |
| Vida da Congregação | <i>A propósito da Reconfiguração.....</i> | 126 |
| | Pe. Javier Álvarez | |
| Vida da Província | <i>Encontro de Superiores e Ecônomos</i> | 130 |
| | <i>Pe. Emanuel Bedê Bertunes</i> | |
| Memória | <i>Padre Francisco de Queiroz.....</i> | 134 |
| | Pe. Célio Maria Dell' Amore | |
| Notícias | | 136 |

Editorial



Nesta edição do *Informativo São Vicente*, apresentamos rica variedade de temas, todos relacionados à hora histórica que estamos vivendo, na sociedade, na Igreja, na Família Vicentina e na Congregação.

Começamos com a *Conferência Rio +20*, no intuito de suscitar mais acurada reflexão sobre as esperanças e

contradições suscitadas nesse evento. Como esclarecem os bispos do Brasil, o cuidado com a natureza e com a vida passa pelo reconhecimento de que é dever de todos, especialmente dos dirigentes das nações, garantir a estas e às futuras gerações uma Casa Comum livre de toda destruição. Esta meta só poderá ser alcançada com a subordinação do desenvolvimento econômico à justiça social, no respeito à pessoa, à natureza e aos povos.

Prosseguimos com a celebração dos 50 anos do magno evento eclesial do século XX, o Concílio Vaticano II, cujo escopo – sempre atual e provocador – consistiu em fazer com que Igreja e o mundo pudessem finalmente dialogar abertamente e, assim, favorecer a vivência da mensagem cristã em toda a sua amplitude e vigor.

A última Assembleia Geral da Congregação da Missão, realizada em 2010, abriu diante de nós o desafiador horizonte da Reconfiguração, valor que devemos assimilar e tarefa que somos chamados a empreender no interior de nossas Províncias, em vista da qualificação de nossa presença e atuação missionária, do aprimoramento de nossas instituições e de um aproveitamento mais sensato e realista de nossos recursos humanos e econômicos. Assim, poderemos ver potencializada nossa criatividade ministerial na busca de respostas eficazes aos novos e diversificados apelos dos pobres.

A PBCM, em colaboração com toda a Família Vicentina, tem envidado significativos esforços para manter-se na linha da fidelidade criativa ao carisma missionário da Congregação, sensível aos toques do Espírito e aberta aos sinais dos tempos. Tudo isso poderá ser constatado nas páginas que agora se abrem aos olhos do leitor.

Voz da Igreja

Mensagem da CNBB sobre a Conferência Rio +20



“O Senhor Deus tomou o Homem e o colocou no jardim de Éden, para o cultivar e guardar” (Gn 2,15).

A Conferência das Nações Unidas Rio +20, sobre o desenvolvimento sustentável, acolhida pelo Brasil neste mês de junho, carrega consigo a irrenunciável responsabilidade de responder aos anseios e expectativas mundiais em relação à defesa e promoção de toda forma de vida, especialmente a humana, desde sua concepção até seu término natural.

A crise econômica, financeira e social por que passam as grandes potências da economia mundial, com graves consequências para as nações emergentes, emoldura a Rio +20. Considerada, por causa de sua profundidade e alcance, como uma crise de civilização, esta crise *“interpela todos, pessoas e povos, a um profundo discernimento dos princípios e dos valores culturais e morais que estão na base da convivência social”*. Entre suas múltiplas causas está *“um liberalismo econômico sem regras e incontrolado”* (Nota do Pontifício Conselho Justiça e Paz sobre o sistema financeiro).

É urgente repensar nossa relação com a natureza, que *“nos precede, tendo-nos sido dada por Deus como ambiente de vida”* e está à nossa disposição *“não como um lixo espalhado ao acaso, mas como um dom do Criador”* (Bento XVI. *Caritas in Veritate*, n. 48). Se, por um lado, como nos recorda o papa Bento XVI, é *“lícito ao homem exercer um governo*

responsável sobre a natureza para guardá-la, fazê-la frutificar e cultivá-la, inclusive com formas novas e tecnologias avançadas, para que possa acolher e alimentar condignamente a população que a habita”, por outro, é preciso que “a comunidade internacional e os diversos governos saibam contrastar, de maneira eficaz, as modalidades de utilização do ambiente que sejam danosas para o mesmo” (Bento XVI. Caritas in Veritate, n. 50).

Os bispos da América Latina e Caribe, reunidos em Aparecida em 2007, já denunciavam: *“com muita frequência, subordina-se a preservação da natureza ao desenvolvimento econômico, com danos à biodiversidade, com o esgotamento das reservas de água e de outros recursos naturais, com a contaminação do ar e a mudança climática”* (V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Documento de Aparecida, n. 66).

O cuidado com a natureza e com a vida, que nela brota e dela depende, passa pelo reconhecimento de que é dever de todos, especialmente dos dirigentes das nações, garantir a estas e às futuras gerações a casa comum – o Planeta Terra – livre de toda destruição. Essa meta só se alcançará com a subordinação do desenvolvimento econômico à justiça social, no respeito à pessoa, à natureza e aos povos. Para tanto, é necessário que todos, especialmente os dirigentes mundiais, assumam com coragem e determinação, o compromisso de rever caminhos e decisões que, ao longo da história, só têm excluído e condenado os pobres à miséria e à morte. Para a erradicação da fome e da miséria, *“não se trata de diminuir o número dos convidados para o banquete da vida, mas de aumentar a comida na mesa”*, como já nos alertou o Papa Paulo VI (cf. Homilia de João Paulo II em Puebla, 1979).

A Cúpula dos Povos, organizada pela sociedade civil e realizada concomitantemente à Rio +20, tem a importante tarefa de reafirmar a responsabilidade dos dirigentes das nações pelas graves consequências de uma opção equivocada, ao subjugar o desenvolvimento econômico ao

domínio do mercado e do lucro, desconsiderando tanto a natureza quanto a vida e a cultura dos povos.

A Igreja no Brasil, especialmente através da Campanha da Fraternidade, tem chamado constantemente a atenção para a destruição da natureza provocada por um desenvolvimento econômico predatório, alimentado por um sistema produtivo e um estilo de vida consumista, muitas vezes, também predatórios. As consequências são, dentre outras, o desmatamento, a contaminação e escassez da água e as mudanças climáticas. Os que mais sofrem os impactos de tudo isso são os pobres e excluídos.

É imperioso que nos eduquemos para relações novas e éticas com o meio ambiente. Esta é uma meta imprescindível da Rio +20, que não deve desviar-se de sua real e concreta finalidade.

A Rio +20 indica uma resposta a essas questões com a chamada Economia verde. Se esta, em alguma medida, significa a privatização e a mercantilização dos bens naturais, como a água, os solos, o ar, as energias e a biodiversidade, então ela é eticamente inaceitável. Não podemos nos contentar com uma roupagem nova para proteger o insaciável mercado, que só tem olhos para o lucro, configurando-se como *“lobo em pele de cordeiro”* ao manter inalteradas as causas estruturais da crise ambiental.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB espera que, da Rio +20, brote o compromisso de construção de um *“modelo de desenvolvimento alternativo, integral e solidário, baseado em uma ética que inclua a responsabilidade por uma autêntica ecologia natural e humana, que se fundamenta no evangelho da justiça, da solidariedade e do destino universal dos bens e que supere a lógica utilitarista e individualista, que não submete os poderes econômicos e tecnológicos a critérios éticos”* (V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. *Documento de Aparecida*, n. 474c).

Este compromisso deve ser assumido por todos. Os cristãos, de modo especial, movidos pela solidariedade, que gera fraternidade e comunhão, são convocados a trabalhar pela preservação do meio ambiente e a colaborar na construção de uma sociedade justa, ecologicamente sustentável.

Que Deus, o Criador de todas as coisas, se digne abençoar seus filhos e filhas nesta nobre missão de “*cultivar e guardar*” a terra, lugar de vida para todos (cf. Gn 2,15).

Brasília, 19 de junho de 2012

Cardeal Raymundo Damasceno Assis

Arcebispo de Aparecida

Presidente da CNBB

Dom José Belisário da Silva

Arcebispo de São Luís do Maranhão

Vice-Presidente da CNBB

Dom Leonardo Ulrich Steiner

Bispo Auxiliar de Brasília

Secretário Geral da CNBB

Superior Geral

CONGREGAZIONE DELLA MISSIONE

CURIA GENERALIZIA



Via dei Capasso, 30
00164 Roma – Itália

Tel. (39) 06 661 3061

Fax (39) 06 666 3831

e-mail: cmcuria@cmglobal.org

Roma, 3 de junho de 2012.

A todos os membros da Família Vicentina

Que a graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo permaneçam em seus corações agora e para sempre!

A cada ano, como vocês sabem, propomos um tema de reflexão e estudo, como Família Vicentina, vinculado às celebrações de nosso santo fundador. No ano passado, consideramos os frutos que a celebração do 350º aniversário suscitou em nós, tanto em nível local, enquanto ramo da Família Vicentina, como no âmbito geral desta mesma Família. Podemos dizer que as diferentes experiências que juntos vivemos, frutos de nossa criatividade, enriqueceram-nos muito como Família Vicentina.

- As relações mútuas foram reforçadas; outras relações surgiram com novas formas de expressão espiritual, semelhante à nossa.
- A formação vicentina foi aprofundada.
- A criatividade permitiu expressões diferentes de celebrações no aspecto cultural e artístico.

- Nossa vocação vicentina se consolidou.
- Nossa dimensão espiritual cresceu.
- A busca de proximidade com os Pobres se intensificou,
- A dimensão missionária se fortificou.

Estes são alguns frutos que foram partilhados, resultado do convite do ano passado.

Este ano, na linha da mística da nossa Família, convido-os à aprofundar a **Colaboração Vicentina**. Com este objetivo, proponho como tema: ***Colaboração e Evangelização***, e como lema: ***“Trabalhemos juntos para compartilhar a Boa Nova e comunicar a vida aos Pobres”***.

Permitam-me começar evocando um elemento bem conhecido de todos, onde tudo teve início para nós. Tal como se diz a respeito de Jesus que *“tudo começou na Galileia”*, podemos dizer que para Vicente *“tudo começou em Folleville e em Châtillon”*. Como a confissão do camponês, que após o Sermão de 1617 em Folleville, abre os olhos de Vicente à miséria humana, em todas as suas dimensões, da mesma forma a experiência solidária suscitada em Châtillon, após ter feito o relato sobre as necessidades de uma família, revelou-se-lhe o apelo a uma ação organizada diante da pobreza das pessoas. Foi dessa mesma maneira que nascemos como Família, uma família que quer ajudar os Pobres em suas necessidades materiais imediatas, mas também dedicar-se às suas necessidades espirituais que os tornam ainda mais pobres. Diria mesmo, uma família que interpela e denuncia, através de seu estilo de vida, as estruturas que empobrecem.

Pelo batismo, somos parte efetiva de um projeto, o projeto de Deus, revelado por seu Filho Jesus Cristo e que os evangelhos relatam claramente: trata-se do Reino e da sua Justiça. Como Família Vicentina, temos o privilégio – e é uma bênção ter uma espiritualidade que nos permite viver, hoje, este projeto de vida – a espiritualidade que vem de um homem que se perguntava a cada dia: *“O que faria o Filho de Deus nesta situação ou nessa outra...?”*.

No entanto, esta Família encontra-se mergulhada num mundo que, diariamente, se distancia do conceito de família e prefere um estilo de vida individualista, competitivo e egocêntrico, ou seja, desumano, pois o ser humano, em seu sentido mais profundo, não tem sentido sem o Outro.

Em resposta a isso, temos uma proposta alternativa para o mundo. Não

somente porque a nossa maneira de viver busca transformar este mundo, para que ele se torne uma boa nova para o ser humano, transformação que se realiza pelo anúncio da Boa Nova aos Pobres, mas também porque podemos e queremos ser uma referência por nossa maneira de trabalhar em equipe. Cada ramo é muito diferente, o que nos enriquece, mas nosso fio condutor é Jesus Cristo e cada um vive-o de maneira diferente. Isso acontece há mais de quatrocentos anos: é o estilo vicentino, isto é, *“Jesus Cristo, aqui e agora”*.

Na prática, convido-os a:

1. Reforçar as organizações locais e regionais que fazem de nós uma Família. Caso não existam, devem-se estabelecer as bases para criá-las.
2. Reforçar os projetos para os Pobres, projetos assumidos como Família. Os projetos que cada ramo realiza são bons, mas, se fizermos projetos em comum, serão ainda melhores.
3. Organizar espaços de celebração e de oração em comum, como Família, aproveitando os diferentes acontecimentos locais e regionais: aniversários, jubileus, festas vicentinas, entre outros.

Sei que cada ramo, assim como a Família em geral, passa por diferentes situações que, muitas vezes, desencorajam os membros e, em certos momentos, podem tornar o trabalho difícil. Por vezes, são mesmo tentados a seguir projetos desumanos dos quais falamos acima. No entanto, os Vicentinos não nasceram para isso, eles nasceram para gerar a Vida e, como diria o Mestre, *“a vida em abundância”*. Eis porque gostaria que nós nos detivéssemos nas qualidades que cada ramo e cada membro possuem. Se unirmos essas qualidades, poderemos fazer um bom trabalho e nossos mestres serão beneficiados.

Para terminar, gostaria que refletíssemos sobre esta metáfora que, certamente, muitos já conhecem, mas que, toda vez que nela pensamos, podemos conceber de forma diferente.

Assembleia numa carpintaria

Contam que, na carpintaria, houve, uma vez, uma estranha assembleia. Foi uma reunião de ferramentas para acertar vários problemas sobre suas diferenças. O martelo foi o primeiro a exercer a presidência, mas os participantes lhe notificaram que teria que renunciar. A causa? Fazia

demasiado barulho e, além do mais, passava todo tempo golpeando. O martelo assumiu sua culpa, mas pediu que também fosse expulso o parafuso, dizendo que ele dava muitas voltas para conseguir algo.

Diante do ataque, o parafuso concordou, mas, por sua vez, pediu a expulsão da lixa. Dizia que ela era muito áspera no tratamento com os demais, entrando sempre em atritos.

A lixa acatou, com a condição de que se expulsasse o metro, que sempre media os outros segundo a sua medida, como se fora o único perfeito.

Nesse momento, entrou o carpinteiro, juntou o material e iniciou o seu trabalho. Utilizou o martelo, a lixa, o metro e o parafuso. Finalmente, a rústica madeira se converteu num fino móvel.

Quando a carpintaria ficou novamente só, a assembléia reativou a discussão. Foi então que o serrote tomou a palavra e disse:

- Senhores, ficou demonstrado que temos defeitos, mas o carpinteiro trabalha com nossas qualidades, com nossos pontos valiosos. Assim, não pensemos em nossos pontos fracos, e concentremo-nos em nossos pontos fortes.

A assembleia entendeu que o martelo era forte, o parafuso unia e dava força, a lixa era especial para limar e afinar asperezas e o metro era preciso e exato. Sentiram-se então como uma equipe capaz de produzir móveis de qualidade. Sentiram alegria pela oportunidade de trabalhar juntos.

A Igreja existe para evangelizar, ou seja, para propagar a Boa Nova. Em nossa espiritualidade vicentina, esta Boa Nova é para os Pobres. Que Deus nos conceda a graça de continuar sendo esta Boa Nova, para que nossos mestres em Jesus Cristo tenham Vida e que ela seja abundante.

Seu irmão em São Vicente,
G. Gregory Gay, C. M.,
Superior Geral

Palavra do Visitador

Início de conversa sobre o tema da Reconfiguração



É notório, nas Congregações e Institutos de Vida Consagrada, o desejo de permanecer em estado de renovação contínua. Cresce cada vez mais a consciência da necessidade de renovação. O que não se renova morre e desaparece. Esta constatação ajuda a entender a conveniência de se estudar o tema da *Reconfiguração* nas Províncias, nas Casas e Obras da Congregação da Missão.

Em vista da *fidelidade criativa à missão*, a 41ª Assembleia Geral da CM (2010) afirmou a importância da Reconfiguração como um *“uma resposta criativa quando orienta o pessoal e os recursos para uma missão e uma caridade mais eficazes... Justifica-se não só por utilizar melhor os recursos, mas também por fortalecer um sentido revitalizado de pertença à comunidade e um sentido renovado de plenitude entre Coirmãos...”* (Síntese, 10). Foi pedido que esse assunto fosse aprofundado em todas as Províncias. Nosso Superior Geral, Pe. George Gregory Gay, determinou para nós que fosse constituída *“uma Comissão interprovincial para, a partir da realidade e da missão da Congregação no Brasil, aprofundar a reconfiguração no que se refere à vida e missão das Províncias brasileiras e apresentar propostas para que elas possam avançar mais nesse processo criativo e conjunto de orientar o pessoal e os recursos para uma missão e uma caridade mais eficazes”* (carta do Pe. Gregory aos

Visitadores). Esta comissão já foi constituída por seis Coirmãos (dois de cada Província).

1. O que é Reconfiguração?

O vocábulo *reconfiguração* tem algo a ver com reestruturação, reorganização, reconversão, transformação, etc. O processo como tal envolve mudanças, reformas, adaptações, revisão de casas/obras, transformação interna promovida dentro de uma unidade da CM. Entretanto é mais que tudo isso:

- a.** É uma transformação profunda (mudança estrutural ou sistêmica) de uma entidade/unidade/circunscrição da CM (Província, Vice Província, Região, Casas e Obras) que envolve múltiplas dimensões (apostólica, comunitária, institucional, administrativa, financeira, jurídica, etc.).
- b.** É um amplo e complexo processo de busca de novas formas e expressões para encarnar e testemunhar o carisma vicentino neste tempo que se chama *hoje*, de acordo com os apelos e desafios atuais da realidade histórica da CM no Brasil.
- c.** Este processo tem vários níveis, exigências e modalidades de concretização. Enraíza-se na consciência do ideal comum, da necessidade de novas mediações e respostas aos novos desafios cada vez maiores.
- d.** É um rico e criativo horizonte a ser assumido, aprofundado e concretizado para uma revitalização da missão vicentina. O resultado final deve ser uma realidade institucional nova, resultante de alguma(s) mudança(s) de estrutura(s).

2. Critérios para a Reconfiguração

- a.** Constituições, nº 2: “Em razão de seu fim, tendo em vista o Evangelho e sempre atenta aos sinais dos tempos e aos apelos mais urgentes da Igreja, a Congregação da Missão procurará abrir caminhos novos e empregar meios adequados às circunstâncias dos tempos e dos

lugares. Além disso, terá o cuidado de avaliar e organizar suas obras e ministérios, de modo a permanecer em estado de renovação contínua”;

- b. Constituições, nº 9: “É preciso... que nossa vocação – fim natureza e espírito – oriente a vida e a organização da Congregação”.
- c. Constituições, nº 107, § 3: *compete ao Superior Geral* “com o consentimento de seu Conselho e consultados os coirmãos interessados, constituir, unir, dividir e suprimir Províncias, observadas as disposições do direito”.

Finalizando estes breves apontamentos, lembramos que este texto é apenas um início de conversa sobre a Reconfiguração. Pedimos que as casas e cada Coirmão tirem tempo para estudar este assunto e refletir sobre ele.

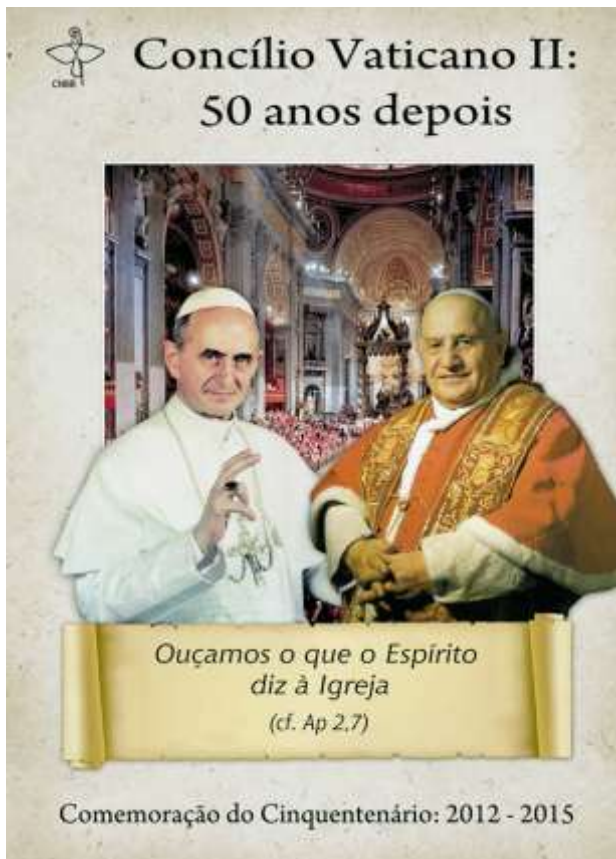
Pe. Geraldo F. Barbosa, CM.

Pe. Geraldo Ferreira Barbosa, C. M.,
Visitador Provincial

Vaticano II

Uma referência do tempo

*Maria Clara Lucchetti Bingemer,
Teóloga (PUC-Rio)*



Há 50 anos, a Igreja Católica vivia um dos períodos mais importantes de seus mais de dois mil anos de história. Convocado pelo Papa João XXIII, na festa de Natal de 1961, o Concílio Vaticano II era inaugurado no dia 11 de outubro de 1962. Realizado em 4 sessões, foi encerrado em 8 de dezembro de 1965, já sob o pontificado de Paulo VI.

O que pretendia o adorável e bondoso Papa João ao convocar em tempo recorde um Concílio Ecumênico com mais

de 2.000 participantes? Que necessidade pulsava nas entranhas da comunidade eclesial, fazendo sentir como necessária esta convocação? Por que a tradicional e respeitada Igreja Católica assumia o risco de abrir suas portas e situar-se sob os holofotes da opinião pública do mundo inteiro?

Desde Leão XIII, que, em 1891, confessara com dor o distanciamento do catolicismo para com a classe operária, tornava-se sempre mais claro para o governo da Igreja que esse distanciamento se dava em relação ao mundo como um todo. No pontificado do Papa Pio XII (1939-1958), já aconteciam dentro mesmo das fronteiras católicas movimentos de renovação fortes e influentes. Os mais importantes diziam respeito ao estudo da Bíblia e à liturgia. Brilhante intelectual e agudo

observador, Pio XII teve que viver um período conturbado em termos políticos, enfrentando a subida do Nazismo e uma Guerra mundial que esfacelou a Europa.

Ali se sentiu ainda mais claramente a necessidade imperiosa para a Igreja de reaprender a dialogar com um mundo passado pelo crivo da modernidade, que não se regia mais pelos ditames da religião, mas avançava a passos largos pelos caminhos da secularidade e da autonomia da ciência e da técnica.

Eleito em 1958, João XXIII surpreendeu o mundo ao recolher todos esses desejos e expectativas e torná-los realidade com a convocação do Concílio. Seu objetivo era repensar e renovar os costumes do povo cristão e adaptar a disciplina eclesiástica às condições do mundo moderno. A palavra italiana *aggiornamento* (atualização) foi cunhada para expressar o que o Concílio pretendia e os frutos que desejava e perseguia.

Na visão profética de João XXIII, o Concílio seria como “um novo Pentecostes”, ou seja, uma profunda e ampla experiência espiritual que reconstituiria a Igreja Católica não somente como instituição, mas como movimento evangélico dinâmico, feito de abertura e renovação. Assim começou o processo que resultou no Concílio Vaticano II e que foi como um divisor de águas para a Igreja. “*Sopro de inesperada primavera*”, em palavras do próprio Papa, foi marcado pela abertura e pelo olhar reconciliado para o mundo e sua complexa realidade.

Enquanto Concílios anteriores na Igreja tinham como preocupação principal condenar heresias, definir verdades de fé e costumes e corrigir erros que nublavam a clareza da plena verdade, o Vaticano II teve desde o princípio como orientação fundamental a procura de um papel mais positivo e participativo para a fé católica na sociedade, discutindo não apenas definições dogmáticas e teológicas, mas voltando sua atenção igualmente para problemas sociais e econômicos, vendo-os não como ameaças, mas como autênticos desafios pastorais que pediam uma resposta por parte da Igreja.

Ao definir a especificidade do Concílio que convocava, João XXIII declarou enfaticamente, com força e audácia pastoral, não pretender uma vez mais fazer listas de erros e condenações, como tantas vezes havia acontecido no passado. Desejava que a Igreja abrisse diante do mundo a beleza e o valor de sua doutrina, usando mais de misericórdia e menos de severidade. Isto, no seu entender, ia mais ao encontro das necessidades dos tempos atuais e dava à mesma Igreja um rosto mais maternal e acolhedor.

João XXIII não pretendia revogar nada do depósito da fé que lhe cabia guardar com zelo de pastor. Mas tampouco desejava corrigir formulações ou proclamar novos dogmas. Sua intenção, ao convocar o Concílio, era que Igreja e Mundo pudessem finalmente dialogar abertamente, para que a mensagem cristã pudesse ser vivida em toda a sua profundidade e vigor.

Hoje, o Vaticano II continua sendo uma referência não apenas para os católicos, mas para todos aqueles e aquelas que desejam entender melhor o tempo em que vivem. Celebrar este aniversário é, portanto, de fundamental relevância hoje mais que nunca.

Espiritualidade

“Fixar a estaca da Criatividade Ministerial”

*Pe. Eli Chaves dos Santos, C. M.,
Assistente Geral (Roma)*

📖 Mc 6, 34-44



Um texto significativo, entre tantos outros, que narra uma ação de Jesus. Ele percorre várias localidades, anuncia o evangelho, compadece-se do povo sofrido e faminto e realiza ações transformadoras. Antecede a esse texto de Marcos o relato da morte de João Batista por Herodes (6, 14-30), num banquete por ocasião do aniversário de Herodes. Enquanto este realiza um banquete de morte com os poderosos, Jesus realiza um banquete de vida com os pobres e famintos. Jesus compadece-se dos pobres sofridos e famintos, que estão como ovelhas sem pastor, ou seja, seus pastores, Herodes e as autoridades religiosas, estão banqueteadando-se e se fartando em seus egoísmos e interesses próprios. Jesus sintoniza seu coração com as necessidades do povo, é solidário e projeta uma nova forma de vida. Desperta e compromete seus discípulos para, juntos e em comunhão, atender às necessidades do povo (*Dai vós mesmos de comer*) e, em seguida, a partir do que o povo tem (*5 pães e 2 peixes*), multiplica o pão e sacia a multidão. Jesus anuncia uma nova forma de vida, onde a partilha e a organização, a comunhão e a participação são atitudes indispensáveis e fundamentais.

Esse texto, associado a tantos outros, mostra a novidade da mensagem e da prática de Jesus, mostra com ele age: aliado aos pobres,

mostra-se compassivo e atento aos seus apelos; remete aos discípulos a busca da solução, conta com a ação dos discípulos e com as pessoas e seus poucos alimentos, organiza a multidão faminta; realiza a ação transformadora, criativa. Aqui, penso que duas categorias bíblicas podem nos ajudar a entender a ação de Jesus: “criação” e “aliança”.

Na criação, Deus se autocomunica e manifesta a grandeza de seu amor. Na criatura humana, imagem e semelhança divina, está a expressão máxima da ação criadora de Deus. Contra o pecado que desfigura a criação, Deus continua a trabalhar e a se autocomunicar para restaurar a dignidade da criatura humana. E Jesus é a máxima expressão desta ação de Deus que continua a criar. Jesus é a luz, a vida e vida em plenitude. Toda sua ação é uma ação criadora, que continua após sua ressurreição pela ação do Espírito, que nos dá a vida prometida por Jesus.

A ação criadora de Deus em Jesus se faz dentro de uma aliança. Diante do ser humano decaído pelo pecado, chamou Abraão e fez uma aliança: *“Eu serei o seu Deus e você e seus descendentes serão o meu povo”*. Esta aliança se funda no amor de Deus dado gratuitamente e tem como destinatários os pobres, os dispersos, sem terra, sem nada. Fiel a esta aliança, Deus, diante do povo escravo no Egito, vê, ouve e conhece a miséria do povo e desce para libertá-lo (cf. Ex 3, 7). O Deus do Antigo Testamento não se entende sem o pobre, o indefeso, o necessitado. Ele é, na expressão do Antigo Testamento, o Deus da Justiça, o justo Juiz, o Go’el dos Pobres, o Vingador dos Oprimidos. Em Jesus, Deus selou definitivamente sua aliança, manifestando-se na pessoa de um pobre e com uma atitude compassiva para com os Pobres. A encarnação se deu no modo de um homem pobre, numa profunda aliança com os Pobres e podemos afirmar que o Pobre é revelação do Pai e que foi um Pobre quem salvou o mundo. Deus quis precisar do Pobre para se revelar em seu amor. Nesta parceria com os Pobres, torna-os co-participantes, co-criadores de sua ação. Nesta aliança criadora, Deus manifesta, na expressão de São Vicente, *“seu amor inventivo ao infinito”*.

Na Assembleia Geral, através de vídeos com relato de experiências, procurou-se escutar a voz dos Pobres e se propôs a necessidade de irmos aos Pobres e de servi-los de maneira criativa. Neste confronto com a voz dos Pobres (entendidos como pessoas concretas e não conceitos abstratos, intelectuais), os membros da CM experimentam inúmeras sombras em seu caminhar missionário. Sentem-se “curadores feridos” (constatação das dificuldades de perseverança, de vida comunitária, das muitas dificuldades, da pouca presença nos ministérios vicentinos). No entanto, “curadores feridos”, mas não mortos, nem agonizantes. Sem pessimismo, mas com realismo e humildade, percebem **inúmeros esforços e iniciativas de criatividade missionária nos diversos ministérios vicentinos**. Bênção de Deus, fruto do Espírito, estes refletem a atualidade do carisma e a vitalidade existente no interior da CM. Diante das mudanças demográficas, culturais e religiosas hoje existentes, a missão continua. Mesmo havendo uma menor presença nos ministérios tradicionais vicentinos, nota-se um grande esforço na busca de novas respostas, novas formas e expressões, para atender aos novos e diversificados apelos dos Pobres.

A atitude conservadora, negativista e desesperançada não ajuda o crescimento do espírito missionário vicentino. O carisma se expressa na mediação das obras e as ultrapassa, exigindo reformulação destas obras conforme os apelos do Espírito em cada tempo. Nesta “época pós-moderna” que descuida da dor humana, que concentra e exclui, que se isola no individualismo e se satisfaz no consumismo, os Pobres gritam e interpelam a Congregação, que é chamada a buscar novas formas e expressões de serviço, sem nunca perder a parcialidade e a cumplicidade com os Pobres. Isso exige uma redescoberta do espírito profético, para discernir e avançar em direção aos apelos de vida e justiça presentes na exclusão e sofrimento dos Pobres. A consciência dos esforços e iniciativas da Congregação são motivo de alegria e de força para criar uma “autoestima coletiva”, positiva e evangélica.

Esta consciência dos passos que estão sendo dados deve aumentar a esperança, a confiança e o compromisso num caminhar de maior e mais

criativo compromisso com os Pobres, de busca de novas formas e expressões de serviço, com melhor qualidade evangélica na vida missionária. A Assembleia nos convoca a ir aos Pobres, ouvir sua voz e responder criativamente aos seus apelos. À luz da aliança criadora de Deus e do testemunho de São Vicente, proponho algumas atitudes fundamentais para respondermos a este apelo da Assembleia:

a) A primeira coisa que se deve dizer, quando vamos aos Pobres é: **“Eu preciso de você”**. Abbé Pierre sempre contava uma história muito interessante. Dizia ele que, logo no início de seu trabalho, um jovem veio procurá-lo e foi logo dizendo que iria se suicidar. L’Abbé Pierre então lhe disse: *“Bem faça o que você quiser, mas eu preciso de você para construir uma casa”*. A partir desse instante, houve uma mudança na vida daquela pessoa e ela tornou-se um dos primeiros e mais importantes de seus colaboradores. O segredo está em convidar as pessoas para fazer alguma coisa juntos. *“Eu preciso de você”* é a primeira atitude diante do Pobre. Ver o Pobre como alguém de quem tenho necessidade e não um simples carente, a quem devo ajudar. Necessitamos das pessoas para construir algo juntos. Contra a ideologia dominante que descarta o Pobre, precisamos ver e acolher o Pobre como parceiro necessário para juntos crescer e viver na fé. O seguimento de Cristo só será autêntico se vier acompanhado de uma verdadeira aliança de amor e de justiça com os Pobres, com os quais Cristo se identificou e em quem se faz também presente.

b) A aliança com o **Pobre como parceiro necessário** para seguir Cristo exige uma mudança de nossa linguagem e de nossas atitudes. *“Lutar contra a pobreza”, “assistir os Pobres”, “promover e integrar os Pobres na sociedade”, “erradicar a pobreza”*... O emprego dessa linguagem reflete atitudes pouco corretas, pois conserva um pensamento que sempre olhou a pobreza de cima para baixo: eu que posso, sei e tenho e o Pobre como aquele que não tem, não pode e não sabe; por isso, devo ajudar, ensinar e dar ao Pobre. Cria-se uma prática, uma relação Benfeitor-beneficiário. O Pobre se torna objeto de minha ação, um

passivo beneficiário. Na perspectiva da aliança e da criação, é preciso uma nova relação com o Pobre. Como parceiro e sujeito de uma ação conjunta, ele é sujeito, é alguém de quem necessito para construirmos juntos. Missão e caridade não consistem simplesmente em ensinar a doutrina e fazer caridades, mas num processo de identificar, descobrir e desenvolver as capacidades dos Pobres para uma ação conjunta de melhoria da vida à luz do projeto de Jesus. Um processo de reciprocidade, de dar e receber...

c) A aliança de Deus comporta um êxodo, um **libertar-se da casa da escravidão** para a casa da liberdade. A aliança de Deus parte do ver, ouvir e sentir os gritos dos Pobres e do descer para resgatar a dignidade de sua criatura e se expressa na busca de um novo regime de vida no amor e na justiça. Em seu amor misericordioso, Deus manifesta seu desígnio de amor que inverte a lógica do mundo. Em sua aliança, Deus entra, vê a realidade, tem compaixão do povo em seu sofrimento, caminha com ele, desperta sua dignidade oprimida e negada, desencadeando uma caminhada de libertação, de reconstrução da criatura humana. A ação de Deus não elimina o compromisso humano, mas empenha-o em todos os sentidos e dimensões. Ajuda a construir uma nova história. A nossa ação missionária caritativa deve afrontar as situações de injustiça; por isso deve se desenvolver dentro de uma metodologia de mudança de estruturas. Isso requer acreditar na força dos pequenos, assumir os riscos desta opção, buscar novo modo de agir e viver, criar uma ordem social nova, sinal do Reino definitivo. Cuidado para a missão vicentina não se deixar cair nas armadilhas de uma missão espiritualista, acomodada, de uma pastoral *light*, de uma ação social de conveniência... Cuidado com as armadilhas dos que não querem ser perturbados pelos gritos dos Pobres!

d) A missão e a caridade devem ser entendidas com um **ato de colaboração com Deus Criador**, na geração de vida e vida nova em abundância. A mesma atitude de Deus que nos acolhe como participantes e co-criadores precisa ser retomada na prática pastoral. A missão e a caridade não devem ser pensadas apenas como transmissão de conhecimentos e ajudas caritativas, mas um despertar as capacidades

para que as pessoas sejam criadoras do novo. Não devem ser pensadas tanto como meio para o acesso ao que não se tem, mas um despertar as capacidades dos Pobres e um cultivar a reciprocidade, para que as pessoas se tornem criadoras do novo. Isso supõe um reconhecimento do outro como capaz de criar e, assim, pensar e encaminhar o trabalho de modo a ajudar as pessoas a descobrirem essa capacidade: a capacidade de criação. E, neste sentido, a missão e a caridade se tornam criativas na construção de uma vida justa e fraterna.

e) Empoderar os Pobres. Tomo aqui a palavra *empowerment*, que pode ser traduzida como *empoderamento*, consiste no processo de se reconhecer em alguém o poder de se desenvolver a partir de suas próprias potencialidades para conseguir ser o autor de toda ação de mudança pessoal e social. No trabalho com os Pobres, consiste em dar poder a eles, ou melhor, ajudá-los a descobrir seu próprio poder para se desenvolverem e se autolibertarem de toda exclusão, vulnerabilidade e pobreza – de fato, os Pobres têm um poder, uma fé capaz de nos evangelizar e de desencadear processos de renovação e de libertação! Neste sentido, São Vicente foi mestre de empoderamento, desenvolveu processos que ajudaram pessoas a deslancharam na vida e no serviço e, especialmente, ajudaram os Pobres a descobrirem sua dignidade e sua força para buscar uma vida melhor, de mais dignidade e justiça. A prática missionária e caritativa deve ser uma ação a partir da fé capaz de ajudar toda pessoa a descobrir e desenvolver sua força interior, capaz de transformar a si mesma e de transformar a realidade em que vive. É preciso conhecer esta riqueza que toda pessoa carrega dentro de seu coração, um tesouro escondido. Trabalhar para desencadear um processo de empoderamento, é tarefa importante e urgente, como força e poder para um crescimento e libertação pessoal e social.

f) A missão e a caridade como acolhida criadora e criativa dos gritos dos Pobres elimina certezas e seguranças, comodismos e esquemas prontos. O serviço missionário e caritativo deve se colocar na incerteza, sem a certeza de tudo, para gerar e assumir o risco do novo. Pensar e

desenvolver a missão e a caridade a partir do Pobre significa criar novas relações, novas práticas e atitudes. Num processo conjunto, de reciprocidade, de colaboração, de um construir e caminhar juntos, de aprender uns com os outros, o anúncio do Reino de vida e de amor não pode ficar preso a esquemas e respostas prontos, seguros, baseados na eficiência material e produtiva. *“Eis que faço novas todas as coisas”*, esta é a dinâmica da ação de Deus que exige de nós *“barris novos para vinhos novos”*. A novidade do Evangelho, da missão e da caridade, requer um buscar, um gerar novos comportamentos e novas práticas, para se encarnar e transformar cada realidade humana, pessoal e social. Não se deve considerar tudo acabado... Não se devem suprimir todas as incertezas de um dado projeto. Sempre se faz necessário deixar algum espaço para o imprevisto e para as incertezas... Elas sempre são sementes de novas idéias.

Rezemos esse amor de Deus inventivo ao infinito, manifestado por Deus em Jesus comprometido com os Pobres. Peçamos suas luzes e forças para podermos ser colaboradores inventivos e criativos em nossa atividade missionária vicentina.

REZEMOS COM SÃO VICENTE,

Senhor, mandai bons operários à vossa Igreja, mas que sejam bons; mandai bons operários, como convém que sejam, para que trabalhem de modo eficaz na vossa vinha; pessoas, meu Deus, desapegadas de si mesmas, das suas comodidades e dos bens terrenos. Não importa se em pequeno número, contanto que sejam bons. Senhor, concedei esta graça à vossa Igreja.

.....

Ó Salvador, ó meu bom Salvador, praza à vossa divina bondade livrar a Missão do espírito de ociosidade, de busca das próprias comodidades e dar-lhe um zelo ardente por vossa glória, que faça abraçar tudo com alegria e que nunca a deixe recusar uma ocasião de vos servir.

“FIXAR A ESTACA DA CRIATIVIDADE MINISTERIAL”

“Sonhamos com o futuro da Congregação e com a Congregação do futuro: mais enraizada na experiência de Deus; mais comprometida com a sorte dos Pobres e com a formação de sacerdotes e leigos; mais identificada com a unidade e diversidade da Trindade; mais mística e profética; mais audaz e engenhosa; menor, mas com um estilo de vida mais testemunhal e animador... em vista de construirmos o Reino de Deus entre os Pobres” (AG 2010, Doc. Linhas de Ação, II, § 3).

↳ **Leia, medite e reze:**

📖 **SI 33(32)**

Jo 10, 1-18; Ef 2, 4-10

⇒ Que atitudes e compromissos assumir e desenvolver para dinamizar sua vida e trabalho vicentinos na fidelidade criativa do amor inventivo de Cristo?

“Olhemos o Filho de Deus! Que coração tão caritativo! Que chama de amor! (...) Fonte de amor humilhado para nós e até ao suplício infame! Só Nosso Senhor pôde deixar-se arrastar pelo amor às criaturas... para assumir um corpo sujeito às debilidades. E para quê? Para estabelecer entre nós, por seu exemplo e sua palavra, a caridade para com o próximo. Este amor foi o que o crucificou e o que fez esta obra admirável de nossa redenção!” (SVP).

Vida da Congregação

A propósito da Reconfiguração¹

Algumas reflexões necessárias

*Pe. Javier Álvarez, C. M.,
Vigário Geral (Roma)*



1. O que se entende por Reconfiguração

Quase sempre, ocorre o mesmo. Quando se fala muito sobre um tema, no fim, cada um entende de uma maneira diferente. Quando isso acontece, convém fazer um esforço para objetivar, o mais possível, o tema em questão. Isso pode ter acontecido com a Reconfiguração. Em nosso caso, creio que essa palavra aponta para uma transformação estrutural profunda de uma circunscrição da Congregação da Missão. Que se pense, por exemplo, em uma Província ou em um grupo de Províncias. É por aí que se pode falar de uma *Reconfiguração intraprovincial*, se esta se leva a cabo só no interior de uma Província; ou *interprovincial*, se esta se produz entre várias Províncias, como sugere nosso documento da

¹ Artigo publicado em: *Boletín Informativo – Provincia de Madrid*, n. 290, enero-febrero 2012, p. 8-10. Como o artigo foi escrito para o contexto europeu, ao traduzi-lo, efetuamos leves adaptações (nota da redação).

Assembleia Geral 2010. Pode-se pensar também nas duas ao mesmo tempo.

Na Reconfiguração, falamos de “*mudança estrutural profunda*”, para diferenciá-la de outras mudanças que não são nem tão estruturais, nem tão profundas assim. Por exemplo, se uma Província, na revisão de suas obras, decide fechar ou abrir uma Casa, isso não seria propriamente uma reconfiguração da Província, porque seguramente esse fato não dá lugar ao nascimento de uma nova Província, ainda que, certamente, tenha sua importância no conjunto da mesma. Pelo contrário, se uma Província decide fazer uma revisão de todas as suas obras e adaptá-las ao carisma que deve animar essa Província, assim como suas reais possibilidades, então sim, seria uma Reconfiguração “*intra*”, porque esse processo de discernimento levará a uma nova Província, a uma Província *reconfigurada*.

O mesmo podemos dizer em relação à Reconfiguração “*interprovincial*”. A colaboração entre diferentes Províncias, assim como a unificação da formação (inicial e permanente) e os distintos encontros em comum, é algo sumamente positivo e conveniente entre as Províncias. Mas isso não é a Reconfiguração interprovincial. Será um caminho necessário para chegar a isso. A Reconfiguração interprovincial se produz quando um grupo de Províncias (duas ou mais) decide fundir-se e dar lugar a uma nova.

Como já dissemos, em qualquer um dos casos, trata-se sempre de uma mudança estrutural profunda. Evidentemente, esse novo nascimento (seja provincial, seja interprovincial) não se improvisa. Requer todo um processo de muita reflexão, diálogo e discernimento, no qual devem intervir todos os membros de uma Província ou das Províncias, obviamente com diferentes responsabilidades.

2. Momentos propícios para a Reconfiguração

Para iniciar e levar a termo a Reconfiguração, seja “*intra*” ou “*inter*”, é preciso uma razão convincente. Esta não pode ser outra senão o desejo

de adequar as estruturas ao carisma que as deve animar e às reais possibilidades da Província ou das Províncias. Afinal, estas não são mais do que estruturas de governo que podem mudar facilmente e que devem fazê-lo em função de uma maior eficácia apostólica e de uma maior fidelidade ao carisma que deve animar todas as obras de uma Província.

Qualquer momento pode ser bom para fazer essa revisão de obras em vista de uma verdadeira Reconfiguração. Contudo, queremos assinalar dois momentos especialmente propícios para isso:

- a. Quando uma Província cresce rapidamente e tende a expandir-se para além de seus limites. Pode chegar um momento em que se julgue necessário dividir a Província. Essa Reconfiguração, a que podemos chamar *“por expansão”*, teve lugar em muitas Províncias europeias há uns 50 anos.
- b. Outro momento propício para a Reconfiguração é quando uma Província diminui por falta de vocações e por envelhecimento de seus membros, sem possibilidades de que essa situação mude. Então, é o momento de iniciar outra Reconfiguração, a *“Reconfiguração por contração”*, que deve ser tão natural quanto a primeira.

3. A graça escondida da Reconfiguração

Sem dúvida, todos nos perguntamos quais serão as vantagens da Reconfiguração. Não fazem falta muitas explicações para compreender as que derivam de uma Reconfiguração *“por expansão”*. Mas essas explicações não são tão evidentes quando falamos de uma Reconfiguração *“por contração”*, que é a que, agora, corresponde a grande parte das Províncias da Congregação.

Quando se reconfiguram duas ou mais Províncias, pode-se levar a termo muito melhor uma revisão de obras, em vista de potencializar aquelas que respondam melhor ao carisma vicentino, assim como

reforçar as respectivas Comunidades. Vejamos um caso extremo: uma Província, com quatro ou cinco obras e um número muito limitado de Coirmãos, dificilmente poderá levar a termo, sozinha, uma revisão, a não ser o fechamento de alguma Casa.

As escassas possibilidades que derivam de números reduzidos (Obras e Coirmãos) impossibilita ou, ao menos, torna muito difícil qualquer manobra de renovação. Na medida em que aumenta o número de Coirmãos e de Obras, nessa mesma medida aumentam as possibilidades de renovação, inclusive quando a maior parte dos Coirmãos esteja já avançada em anos. Evidentemente, a Reconfiguração se deve entender, não como uma justaposição de ministérios e pessoas, mas como uma ocasião para revisar em profundidade Obras e Comunidades.



Às vezes, ouvem-se opiniões demasiado simplistas, como, por exemplo, *“a Reconfiguração não vai nos fazer mais jovens”* ou *“a idade média continuará a mesma”*. Evidentemente, a Reconfiguração não é nenhuma mágica, mas não podemos esquecer que as possibilidades de interação serão

maiores, poder-se-á chegar a comunidades com mais vida e capazes de gerá-la, sempre e quando ao processo de reconfiguração se acrescenta o da revisão de obras. Por outro lado, pode haver uma certa economia de pessoal dedicado à administração provincial e à formação interna em benefício da pastoral direta, visto que uma única equipe pode levar em frente o que antes correspondia a quatro.

Vida da Província

Encontro de Superiores e Ecônomos

Caraça, 28 a 31 de maio de 2012

Pe. Emanuel Bedê Bertunes, C. M.



De 28 a 31 de maio de 2012, a PBCM promoveu encontro com os superiores e ecônomos. Participaram 22 Coirmãos. No dia 29, primeiro dia das assessorias, falaram para nós os profissionais do Instituto AXIS. Na parte da manhã, o conteúdo foi sobre *gestão de pessoal*. Foram abordados diversos aspectos, tais como gestão de conflitos, estratégias, aspectos comportamentais, relacionamento, motivação. Na parte da tarde, o conteúdo voltou-se para a *gestão econômica* e seus desdobramentos na gestão de obras: orçamentos, geração de receitas, controle de gastos, como fazer investimentos, etc.

No dia 30, contamos com a assessoria da equipe da ANEND, empresa que presta serviços de contabilidade para a PBCM. Ficamos todo esse dia discutindo e aprendendo as demandas e exigências contábeis que envolvem a prestação de contas das filiais da Província. É necessário esforço constante e corresponsabilidade de todos os Coirmãos para atendermos às demandas jurídicas das áreas tributárias e trabalhistas. Em se tratando da contabilidade de instituição filantrópica, faz-se necessário

primar pelo esmero com os relatórios das atividades sociais desenvolvidas; recolher todos os impostos e tributos em dia; recolher os encargos sociais; exigir todos os documentos fiscais dos gastos efetuados; zelar pela manutenção do patrimônio confiado à administração da Província; fazer uma boa gestão dos mais de 300 funcionários que colaboram conosco em nossas obras. Já demos muitos passos neste trabalho, mas precisamos ser incansáveis na realização dos objetivos que ainda temos a alcançar.

Reservamos o último dia para a reflexão sobre o modo como diversas de nossas obras, sobretudo as Paróquias e os Seminários são mantidos. Ouvindo atentamente as partilhas dos Coirmãos, os relatos das experiências de cada um à frente destas obras, chegamos à conclusão de que é necessário buscar caminhos alternativos para superar os desafios administrativos encontrados. Além de um bom orçamento, prática adotada pela Província em todas as suas filiais, percebe-se a necessidade de se contar com a participação efetiva dos leigos nas diversas atividades que se podem realizar numa missão-paróquia, a saber: conselhos de pastoral, conselhos administrativos, equipe de dízimo, equipe de eventos/festas. Para isso acontecer, é fundamental adotar uma metodologia de trabalho que prime pela descentralização das tarefas e das decisões. É necessário comprometer todos os envolvidos no trabalho de evangelização.

Quanto à manutenção dos seminários, é evidente a necessidade de revisão do nosso modo de manutenção econômica das casas de formação. O atual modelo pouco compromete os Estudantes diante das exigências administrativas da casa, correndo-se o risco de torná-los meros “consumidores”, ou seja, não se criam nos seminaristas laços profundos com a instituição, capazes de fazê-los sentir-se membros dela. Por isso, é necessário o envolvimento do Estudante na elaboração dos orçamentos para saber dos esforços econômicos empregados naquela casa, na participação nos diversos serviços do seminário, e tomar conhecimento da prestação de contas, etc. Ainda, buscar informações com outras Congregações sobre o modo da manutenção econômica de seminários e

práticas administrativas responsáveis que possam nos ajudar a encontrar alternativas viáveis.



A partir destas reflexões, definimos linhas de ação e assumimos compromissos na linha administrativa e econômica, a serem aplicados em nossas Casas e Obras, a saber:

Linhas de Ação

- 1.** Investir na realização de encontros de reflexão e partilha sobre nossa missão e vida, bem como sobre a administração de nossas Obras, integrando teoria e prática.
- 2.** Fazer repercutir o conteúdo abordado neste encontro em nossas Casas e em outros encontros provinciais.
- 3.** Apropriar-se de orientações administrativas emanadas das Dioceses e da própria Província.
- 4.** Conhecer e aplicar os contratos firmados entre as Dioceses e a Província, solicitando dos Bispos e dos Coirmãos maior atenção aos acordos efetuados.
- 5.** Reconhecer e valorizar o protagonismo das pessoas e comunidades que interagem conosco na missão, enfatizando direitos e deveres de ambas as partes.
- 6.** Promover e qualificar a formação dos leigos em vista da participação consciente e ativa de outras pessoas na administração das Obras em que trabalhamos.
- 7.** Assegurar a capacitação de nossos seminaristas na linha da administração.

8. Constituir e impulsionar uma equipe de avaliação permanente da manutenção de nossas Casas de Formação.

Compromissos

1. Aprimorar a **capacitação dos leigos** que colaboram na administração de nossas Obras, por meio da participação dos mesmos em nossos encontros provinciais.
2. **Constituir conselhos administrativos** em nossas Obras e, com eles, elaborar orçamentos anuais das missões, paróquias e curatos.
3. Elaborar e/ou **revisar contratos entre a Província e as Dioceses**, contando com a colaboração dos Conselhos Pastorais e Administrativos.
4. Revisar as formas de **manutenção de nossas Casas de Formação**.
5. **Próximo encontro** de superiores (coordenadores) e ecônomos (administradores): **20 a 23 de maio de 2013**.



Memória

Padre Francisco de Queiroz, C. M.

*17/09/1902

+12/02/1994

Pe. Célio M. Dell'Amore, C. M.

Há dez anos, completava-se o centenário de nascimento deste valoroso missionário de São Vicente de Paulo. Sua lembrança precisa ficar viva para nos ensinar a caminhar nesta vida terrena com a coragem e disposição admiráveis no desapego do transitório como este homem de Deus. Era de pouca estatura física, mas gigante pela coragem e valente no trabalho de evangelizador. Veio do Ceará para estudar no célebre Colégio do Caraça, embalado pelo entusiasmo de vários outros coestaduanos seus. Já chegou adolescente, com seus 14 anos bem sofridos e trabalhados. Deixou para trás sua bela, pacata e pobre Palmácia (CE), onde frequentara escola primária daquela época. Jovem sério e compenetrado dos deveres a cumprir, um tanto introspectivo pelos suados e pesados cansaços dos serviços impostos por seus pais que dele exigiam no sustento da numerosa família. Concluiu o seu curso de formação no Caraça e foi indicado para seguir para Petrópolis (RJ), sem despedir dos genitores lá no distante Ceará. Entrou para o Seminário Interno, no dia 30 de julho de 1923. Completando o tempo de formação, foi aprovado para pronunciar os santos Votos em 31 de julho de 1925. Enfrentou os cursos de Filosofia e Teologia, com pleno êxito, sendo das primeiras turmas a fazê-los no Brasil e não na França, como já era costume. Foi ordenado sacerdote por Dom José Pereira Alves, bispo de Niterói, pois Petrópolis não era diocese.

Em 26 de julho de 1931, foi ordenado sacerdote, juntamente com outros quatro colegas, Padres Negreiros e Arrudas, cearenses como ele, e Padres Dionísio e Mourão, mineiros. Seu primeiro campo de trabalho foi o

Seminário do Maranhão, 1931-1942; aí teve ocasião de visitar os seus, depois de treze anos de ausência. Chamado para o Rio de Janeiro, foi zeloso capelão, bem criativo, na imensa Santa Casa de Misericórdia, 1942-1958, dirigida pelas Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. Foi nomeado Superior e Capelão do Hospital Socorro (PE), de 1958 a 1962. Regressa ao Rio como capelão do hospital dos Bancários, de 1962 a 1967. Daí passa de novo para o trabalho na Santa Casa (RJ) até julho de 1993. Foi transferido para a Casa Provincial, a fim de cuidar de sua debilitada saúde, pois havia cinco anos estava preso à cadeira de rodas, após uma queda num dos vastos corredores da sua tão querida capelania, onde não parou de trabalhar. Tinha um enfermeiro, Fernando, que lhe era como anjo da guarda e vigilante protetor. Padre Batista não comia verdura. Dizia: *“Não sou jegue para comer capim”*. Dormiu na Paz do Senhor, em 12 de fevereiro de 1994. Tinha 92 anos de vida e 63 de ministério sacerdotal. Era extremamente dedicado e zeloso missionário no serviço com os doentes e atento em bem acudir as Filhas da Caridade e o povo que o procurava. Celebrava cada dia a Santa Missa e percorria todas as enfermarias e quartos para ouvir e ungir os pacientes e falar com médicos e enfermeiros. Tirava um mês de férias ao ano, sem deixar o seu quarto, mas, metódico e ativo, aplicava-se em consertar relógios e aparelhos domésticos, pois estava de férias e exigia um capelão auxiliar para libertar-se dos seus compromissos. Rezava apenas a Missa. Era uma viva lição do zelo apostólico e cuidados pastorais com os doentes. Serve de lição para a nova geração e quantos o conheceram.

Notícias

I – Notícias do Visitador

- 1. Transferência.** Ir. Paulo Afonso Ferreira encontra-se na Missão-Paróquia Nossa Senhora da Medalha Milagrosa – Riacho Fundo II (DF). Aproveitamos o ensejo para expressar ao Ir. Afonso um grande agradecimento por acolher cordialmente esta colocação. Agradecimento também aos Coirmãos, Pe. Manoel Bonfim e Pe. Luís Veras, pelo acolhimento a mais um Coirmão em sua Comunidade.
- 2.** Chegou a resposta do Superior Geral e de seu Conselho, aprovando as propostas de **revisão e atualização das Normas Provinciais da PBCM**, trabalho concluído na última Assembleia Provincial, realizada nos dias 21 e 22 de março de 2012. Todo o texto foi aprovado, com exceção do art. 29 (mudança de redação) e do Parágrafo Único (texto novo). Para estes, manteve-se o texto anterior (antigo). Brevemente, serão divulgadas na íntegra as "novas" Normas Provinciais da PBCM.
- 3.** De 23 a 25 de maio de 2012, Pe. Geraldo Ferreira Barbosa fez visita às duas Casas de Formação de Belo Horizonte. Nesta oportunidade, participou de reunião com os quatro formadores e atendeu pessoalmente a cada um dos 18 formandos.

II – Seminário Interno

*“É graça divina começar bem.
Graça maior, persistir na caminhada certa.
Mas graça das graças é não desistir nunca”*
(Dom Helder Câmara).



Nos dias 14 a 18 de maio, estivemos reunidos em Hidrolândia (GO), na Casa São Leopoldo Mandic, dos Frades Capuchinhos, para o segundo Novinter deste ano de 2012. O tema do encontro foi: *A graça supõe a natureza:*

A dimensão humana afetiva na Vida Religiosa, tendo como assessor o monge beneditino, Dom Joaquim Carlos Carvalho, natural e residente em Mineiros (GO).

Éramos 11 congregações presentes no encontro de formação para noviços, podendo, então, perceber a riqueza de dons e carismas, suscitados em nossos fundadores e transmitidos a todos nós, como sinais da graça de Deus que se faz presente no mundo.

Vivemos dias preciosos, que nos permitiram olhar para dentro de nós mesmos e nos conhecer. Conhecer é um movimento interior, significa *entrar para dentro*, na intimidade. Este processo exige coragem. Precisamos conhecer nossa estrutura pessoal e, assim, assumir o dom de nossa liberdade, bem como nossa corporeidade, reconhecendo nosso corpo como um lugar onde a graça se manifesta e atua.

A graça nos amplia, transcende nosso agir e nos dá uma reta consciência de nosso valor. A graça tira as viseiras e nos faz ver a realidade tal como ela é, abre os horizontes para ver o tempo presente. Nossa corporeidade, tocada pela graça, vai se transfigurando, dando leveza a nosso ser e agir, possibilitando-nos ver além do que se apresenta imediatamente. Assim, a graça nos devolve a nós mesmos, lança-nos em

nossa realidade, a fim de que possamos mudá-la de acordo com o projeto de Deus.

O encontro foi realizado com muitas dinâmicas, filmes, lazer, confraternização, discussões, partilha nos grupos de vivência e uma convivência fraterna de formandos e formadores. Dom Joaquim, ao longo de todo o encontro, foi nos dando pistas para nossa caminhada.

O que nos faz viver bem esta vida é a graça de Deus, que é dom, gratuidade. Portanto, temos que testemunhar nossa gratidão a Deus por mais uma oportunidade de refletir, conhecer, entender e nos formar bem para missão. Que possamos sempre nos colocar na atitude de eternos aprendizes a serviço de Deus e dos Pobres.

Gustavo Alivino (PBCM)

III – Casas de Formação de BH

1. Vigília de Pentecostes. No dia 26 de maio de 2012, as Casas de Formação de Belo Horizonte – Instituto São Vicente de Paulo (ISVP) e Seminário São Justino de Jacobis (SSJJ) – estiveram mais uma vez reunidas, no Centro Social Pe. Raimundo Gonçalves, para a Vigília de Pentecostes. A celebração, diligentemente preparada por nossos seminaristas e presidida pelo Pe. Wander Ferreira, chamou a atenção pela beleza e profundidade, enriquecida de muitos símbolos e gestos rituais que nos fizeram mergulhar no mistério da presença santificadora do Espírito na criação, nas Igrejas, na Família Vicentina e na vida de todo seguidor de Cristo. Na homilia, Pe. Luís Carlos do Vale, apoiado nos textos bíblicos proclamados, evidenciou o sentido desta Solenidade, convidando-nos a deixar-nos conduzir e transformar pelo Espírito do Senhor em vista do alegre cumprimento de nossa missão junto aos Pobres. Pudemos contar também com a participação de membros da Família Vicentina, representando os ramos que compõem

o Regional de Belo Horizonte. A alegria e a fraternidade se prolongaram na confraternização que se seguiu à celebração.

2. Entre os dias 4 e 6 de junho, alguns Estudantes e Formadores participaram do Simpósio de Teologia e Pastoral *50 anos do Concílio Vaticano II: Memória, Recepção e Futuro*, evento promovido pela PUC Minas, FAJE e ISTA, com o objetivo de compreender o significado do Vaticano II para a atualidade, analisar a recepção do Concílio na Igreja no Brasil e refletir sobre as perspectivas atuais da evangelização.



3. No dia 28 de junho, Pe. Agnaldo Aparecido de Paula, com sua habitual disponibilidade, veio a Belo Horizonte para discorrer sobre o tema da *Vida Fraterna em Comunidade para a Missão*. O encontro teve lugar no ISVP e reuniu as duas Comunidades de Formação em torno de ampla e pertinente discussão.



4. No dia 29 de junho, foram encerradas as atividades do semestre letivo. Depois da Santa Missa, expressão maior de nosso louvor e ação de graças, passamos à confraternização, mantendo sempre o mesmo clima de fraternal e alegre convívio.

IV – Diretores Provinciais das FC's

Os Diretores Provinciais das Filhas da Caridade estão de saída para o Encontro Internacional, a ser realizado em Paris, de 1º a 14 de julho, na

Casa Mãe das Irmãs. Aos Coirmãos, Pe. Francisco Ermelindo Gomes e Pe. Paulo Eustáquio Venuto, desejamos boa viagem e profícua participação no Encontro, sob o maternal olhar da Virgem das Graças.

V – SVAV – Encontro Vocacional

Nos dias 7 a 10 de junho de 2012, aconteceu a 1ª Etapa do Encontro Vocacional Vicentino, no Instituto São Vicente de Paulo, em Belo Horizonte. Estiveram presentes 8 jovens vocacionados.



O encontro foi um tempo oportuno não só para o acompanhamento, mas também para o discernimento vocacional destes jovens. Contamos com o apoio e a colaboração dos membros da equipe provincial do SVAV, dos formadores, dos seminaristas e das colaboradoras da equipe. Durante os 4 dias foram trabalhados os seguintes temas:

1. Dimensão Humano-Afetiva e Comunitária – Ir Ana Rocha, Marisa e Pe. Alexandre, C. M.
2. Seguimento de Jesus – Pe. Vinícius, C. M.
3. São Vicente de Paulo, Seguidor de Jesus – Pe. Luís Carlos, C. M.

4. Discernimento Vocacional para ser seguidor de Jesus – Pe. Agnaldo, C. M.



Tivemos fecundos momentos de espiritualidade (Orações e Celebrações Eucarísticas), muito bem preparados por nossos seminaristas. Os vocacionados também puderam participar de algumas atividades do seminário, como o esporte e o trabalho comunitário. No sábado à noite, os jovens foram à Paróquia do Pai Misericordioso e puderam participar da Celebração Eucarística na Comunidade Santo Antônio, onde foram acolhidos com atenção e alegria pelos membros da Comunidade.

Gostaria de agradecer a todos os que colaboraram direta ou indiretamente para o bom êxito deste Encontro, na realização das atividades ou através das orações pelas vocações.

Aguardemos com muita esperança a outra etapa no mês de outubro de 2012, quando mais jovens estarão participando do Encontro Vocacional.

Continuemos firmes e perseverantes em nossas orações, rezando ao Senhor da Messe para que continue enviando santos e bons operários à Família Vicentina, para que ajam, com o ardor da caridade, na doação aos mais pobres.

Pe. Alexandre Nahass Franco, C. M.

VI – Encontro da Família Vicentina – Regional RJ



Com o tema “*A serviço dos Pobres nas pegadas de São Vicente de Paulo*”, aconteceu, no dia 20 de maio, no Colégio São Vicente de Paulo, o 7º Encontro da Família Vicentina, Regional do Rio de Janeiro. Este evento vem contando, cada vez, com um bom número de participantes dos

diversos ramos da Família Vicentina. Neste ano, tivemos a participação de representantes da Associação Internacional de Caridades (AIC), da Congregação da Missão (CM), da Companhia das Filhas da Caridade (FC), das Irmãs de São Vicente de Paulo – Servas dos Pobres de Gijzegem, da Juventude Mariana Vicentina (JMV), dos Missionários Leigos Vicentinos (MISEVI) e, muito especialmente, de grande número de confrades e consócias da Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP). Eram, aproximadamente, 500 pessoas, entre crianças, adolescentes, jovens e grande número de adultos.



As atividades do dia começaram com a fraterna acolhida aos participantes e o lanche comunitário servido no pátio do Colégio. Às 9 horas, todos se encaminharam para o Ginásio de Esportes, onde ocorreu a Celebração Eucarística, presidida pelo Pe. Lauro Palú e concelebrada pelos Padres

Emanuel Bedê Bertunes e Agnaldo Aparecido de Paula.

Encerrada a Celebração, os participantes foram divididos em três grupos por faixas etárias para as dinâmicas e conferências: as crianças e adolescentes ficaram sob a coordenação da Ir. Rizomar, os jovens dos 17

aos 40 anos com o Pe. Emanuel e os demais participantes com o Pe. Agnaldo.



Às 12h30, ocorreu outro grande momento de confraternização, quando foi servido o almoço oferecido pelo Colégio São Vicente de Paulo. Seguiu-se a realização de diversas oficinas e sessão de cinema. Às 16 horas, no pátio do Colégio, foi entoado com entusiasmo o hino em

honra de São Vicente de Paulo, o patrono de todas as obras de caridade. Pe. Agnaldo encaminhou os agradecimentos, avisos, convites para os próximos eventos, oração e bênção final. Dessa forma, o Encontro foi encerrado. E, ali mesmo, muitos já manifestavam o desejo de que maio de 2013 chegasse logo para o nosso 8ª Encontro.

Pe. Agnaldo Aparecido de Paula, C. M.

VII – Encontro Internacional da Juventude Vicentina - 2013

Com o tema *“Vicentinos: Missionários da Caridade. Vamos aos Pobres!”*, será realizado o Encontro Internacional da Juventude Vicentina (EJV), na Cidade dos Meninos, em Belo Horizonte, de 18 a 21 de julho de 2013. Este evento vem sendo realizado por ocasião da Jornada Mundial da Juventude e já se encontra em sua 3ª edição. Na circular de 27 de novembro de 2011, Pe. Gregory Gay, superior geral da Congregação da Missão, escreve que estes encontros *“têm sido uma bela e rica experiência internacional de animação e formação para nossos jovens”*. E acrescenta: *“Gostaria de contar com a participação ativa e o apoio entusiasta de todos os Ramos da Família Vicentina no Brasil para organizar o Encontro”*. A Comissão Organizadora, constituída por

representantes de vários ramos da Família Vicentina, vem se reunindo regularmente e definiu como objetivos do Encontro:

1. Propiciar encontro pessoal e em grupo com Deus para o aprofundamento de nossa fé e de nosso compromisso com as causas dos Pobres;
2. Aprofundar o conhecimento da vida e espiritualidade de São Vicente de Paulo e dos demais testemunhas da Família Vicentina;
3. Propiciar a troca de experiências na vivência do carisma vicentino, a partir de um maior conhecimento dos trabalhos pelos Pobres e com os Pobres, realizados pela Juventude Vicentina, presente em diferentes lugares do mundo;
4. Favorecer a convivência fraterna e o aprofundamento das relações como Família Vicentina;
5. Celebrar a riqueza do carisma e da espiritualidade vicentina no serviço e na evangelização dos Pobres na Igreja.

O Encontro está sendo organizado visando a participação de 2 mil jovens (1.500 vagas reservadas para os jovens do estrangeiro e 500 para os brasileiros), além dos quase 300 voluntários que serão necessários.

Como escreveu Pe. Gregory, *“o carisma vicentino tem uma notável atualidade e uma enorme força de convocação junto aos leigos, e especialmente junto aos jovens. Unidos como Família Vicentina, com todos os ramos juntos, temos, neste Encontro, uma bela oportunidade para animar e convidar os jovens para somar forças conosco neste caminho de seguimento de Cristo, evangelizador e servidor dos Pobres”*.

Acompanhe as notícias e se inscreva como voluntário através do site do Encontro: www.famvin2013.com.

Pe. Agnaldo Aparecido de Paula, C. M.